

# A RELAÇÃO DO VERBO ENCARNADO NA DOCTRINA HEGELIANA COM A DOCTRINA CRISTÃ

Marcos Vinicius Alves de Oliveira<sup>1</sup>

Suderlan Tozo Binda<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho visa apresentar as relações de interseção entre o pensamento do filósofo alemão Georg W. F. Hegel, e a encarnação na doutrina cristã. Seguindo uma metodologia de revisão bibliográfica de cunho exploratória, apresentar-se-á o tema através da doutrina hegeliana, da doutrina cristã e por fim os pontos de interseção em ambas. O sistema de Hegel apresenta a Ideia que se objetiva na existência como Natureza, a própria ideia alienada, pelo movimento dialético faz objetivar-se nas coisas todos os conceitos presentes na ideia absoluta. A doutrina cristã demonstra o movimento da “Palavra” divina que versando sobre o nada faz surgir toda forma de existência. Na doutrina hegeliana, o próprio homem como uma suprassunção de toda a natureza estabelece o ponto de mediação, a saída da alienação para o Espírito. Já na fé cristã, pelo texto do prólogo, Jesus Cristo é apresentado como Palavra, de forma que este é o movimento criativo divino que ao encarnar-se torna-se a mediação perfeita entre os indivíduos finitos e o Absoluto divino. Pontos de convergência ficaram evidentes mais é importante ressaltar uma divergência nos pensamentos, Hegel apresenta um absoluto que alienado se revela Absoluto, no cristianismo o Absoluto encontra os finitos para uni-los a si.

**Palavras-chave:** Filosofia. Hegel. Interseção. Encarnação. Cristianismo.

## ABSTRACT

This paper aims to present the intersecting relations between the thinking of the German philosopher Georg W. F. Hegel, and the incarnation in Christian doctrine. Following a methodology of bibliographical revision of exploratory nature, the theme will be presented through the Hegelian doctrine, at the Christian's doctrine and finally the intersection points in both. Hegel's system presents the Idea that is objectified in existence as Nature, the alienated idea itself, by the dialectical movement makes objectify in things all the concepts present in the absolute idea. Christian doctrine demonstrates the movement of the divine "Word" which by dealing with nothing gives rise to every form of existence. Man himself as a supersumption of all nature establishes the point of mediation, the exit from alienation to the Spirit. Jesus Christ is presented as the Word in the prologue's text, so that this is the divine creative movement which in incarnation becomes the perfect mediation between finite individuals and the divine Absolute. Points of convergence became evident but it is important to emphasize a divergence in thoughts, Hegel presents an absolute that

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Filosofia da Católica de Vitória Centro Universitário. E-mail: a\_marcosvinicius@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia, Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e Professor da Católica de Vitória Centro Universitário. E-mail: sbinda@salesiano.br

alienated reveals Absolute, in Christianity the Absolute finds the finites to unite them with itself.

**Keywords:** Philosophy. Hegel. Intersection. Incarnation. Christianity.

## 1 INTRODUÇÃO

Georg Wilhelm Friedrich Hegel, nasceu na Alemanha, no século XVIII. Segundo Junges e Gallas (2013), em sua juventude, ingressou no seminário teológico protestante de Tübingen, o que poderia lhe garantir uma carreira como pastor. Seguindo carreira acadêmica, Hegel sofreu forte influência pelo pensamento de Fichte e Schelling, e posteriormente inaugurou um período conhecido por Idealismo Alemão. Tendo como “temática culminante o problema teológico das relações entre o Absoluto, o divino infinito e o finito. Nisso invocando uma interpretação racionalista do cristianismo” (SANTOS, 2006, p. 24).

Em 1807 publicou sua obra mais importante: a Fenomenologia do Espírito. Nesse texto, retratou a realização do Absoluto que estando alienado nos particulares, paulatinamente/historicamente “projeta-se fora”, torna-se Espírito. Antes de estar alienada nos particulares a ideia pura é abordada como o *Ser* indeterminado, ainda fora da realidade. Ao determinar-se na natureza forma a realidade existencial e aliena-se. Este movimento do *Ser* puro e indeterminado ao *ser* determinado alienado, remete-nos a criação do mundo para a fé cristã.

A figura do Jesus, como o verbo divino encarnado na humanidade, tem grande referência na filosofia hegeliana, no entanto vê-se necessário estabelecer estes pontos de congruência. Surge então a questão deste trabalho: qual a relação entre o Verbo-encarnado na doutrina hegeliana com o Verbo-encarnado para a fé cristã: descrito no prólogo do evangelho de João? De forma que o objetivo geral deste trabalho é responder tal pergunta explicitando a relação entre o conceito de verbo-encarnado na doutrina hegeliana e na doutrina cristã. Como objetivos específicos ficaram: 1) a descrição do verbo-encarnado hegeliano; 2) a descrição do verbo-encarnado cristão; 3) e a relação que existe entre as duas descrições hegeliana e cristã.

Este artigo seguira metodologia de cunho exploratória, que segundo Gil (2008) tem como finalidade desenvolver conceitos ou ideias que fomentem pesquisas posteriores mais precisas. Primeiramente procuramos descrever o verbo-encarnado na doutrina

hegeliana e, por conseguinte, o Verbo-encarnado da fé cristã, para por fim, fazer as relações do Espírito hegeliano com o Verbo-encarnado cristão.

Pensamos que há uma correlação entre ambos pensamentos. Hegel, no entanto, apresenta um absoluto que se constrói-a-si-mesmo, enquanto no cristianismo Deus é existência plena e realizada, que através do Cristo unifica o absoluto à própria criação.

No próprio campo acadêmico observa-se poucos trabalhos que procuram estabelecer esse paralelo entre as duas filosofias, pois aquilo que parece obviamente relacionado podem ser duas visões distintas com pontos de convergência. Segundo Cassirer (1994), o fenômeno religioso é parte inerente do homem, e isso influencia diretamente na sua vivência social, ou seja, a forma como o homem constrói sua relação com o divino reflete na relação consigo mesmo e com o “outro”, e nesse trabalho visamos trazer a discussão de um divino inserido no contexto histórico, assim como é abordado por Hegel, levando a conscientização do homem como um “ser” individual que “gesta/realiza” o “Ser Absoluto” através da religião, da ética e da política.

## **2 O VERBO-ENCARNADO NA DOCTRINA HEGELIANA**

### **2.1 O PROCESSO DE LIMITAÇÃO DA IDEIA NA NATUREZA**

Hegel na Fenomenologia do Espírito, escrita em 1807, apresenta o processo histórico-dialético pelo qual o *ser determinado*, alienado na natureza, toma consciência-de-si. Percebemos que no pensamento do filósofo alemão o ser se apresenta de formas distintas, primeiramente como *ser indeterminado*, depois como *ser determinado* e, por fim, *ser absoluto*.

É importante ressaltar que o Sistema hegeliano acontece dialeticamente, a Tese tida como afirmação põe-se frente a Antítese, a negação, e Síntese é a negação da negação – aqui é de se esperar que algo novo venha a surgir. A Enciclopédia das Ciências Filosóficas, escrita em 1817 a 1830, cronologicamente depois da Fenomenologia do Espírito, faz seu caminho oposto. Partindo do universal mais indeterminado e realizando processos dialéticos, chega às consciências individuais. Este itinerário está dividido em três grupos dialéticos: Ideia, Natureza e Espírito.

Tratando a Ideia, a primeira Tese é o Ser indeterminado, no qual estabelecem relação dialética o Ser, o Nada e o Devir. Sendo o Ser, puro ser, “sem nenhuma determinação ulterior. [...] Não há nada a intuir nele, caso aqui se possa falar de intuir; [...] O ser, o

imediatamente indeterminado, é, de fato, nada e nem menos do que nada” (HEGEL, 2017, p. 85).

Percebemos que existe uma relação entre o Ser e o Nada, uma vez que o ser puro não pode ser determinado, pois caso seja perde sua “pureza”, *nada* pode determiná-lo. Assim da mesma forma o Nada, “na medida em que intuir ou pensar podem ser aqui mencionados, então, vale como uma diferença se algo ou nada é intuído ou pensado [...] então nada é (existe) em nosso intuído ou pensado” (HEGEL, 2017, p. 85).

Sendo o ser e o nada uma unidade, como descrito acima, estes estão sempre um para o outro. O devir é a unidade determinada onde ambas são, e como estão sempre um para o outro também não são. O devir é a unidade dos momentos: onde o ser desaparece em nada (perecendo); onde o nada desaparece em ser (nascendo); e também onde o ser e o nada desaparecem em geral.

O momento da síntese é caracterizado pela unidade dos opostos, como suprassunção. De forma que a tensão anterior, causada pela negação, se encontra pacificada, mas esta não cessou definitivamente. A síntese se torna a Tese seguinte, que confronta-se com uma Antítese até encontrar a conciliação numa Síntese. E assim sucessivamente em todo o sistema hegeliano. É importante ressaltar que,

o momento posterior está sempre contido no anterior. Estava nele implícito e se explicitou depois. A última Síntese, portanto [...], estava implicitamente contida na primeira Tese da primeiríssima tríade. Não é só isto: todos os momentos contidos entre a primeira Tese e a última Síntese já estavam implícitos neste primeiríssimo momento (NÓBREGA, 2007, p. 47).

Na sequência, os momentos do devir emergem do *ser-aí*, como determinidade. Segundo Nicolau (2010, p. 146) “para Hegel a determinação da ideia e todo curso dessa determinação, constituiu o objeto da ciência da lógica, que em seu desenvolvimento fez surgir, a partir de si, a ideia absoluta mesma”. O conteúdo da ideia absoluta é o desdobramento total de todas as relações dialéticas que compõe a Ideia.

A Ideia está subdividida em três momentos – Ser, Essência e Conceito, essa divisão é toda dialética. “A Ideia é inicialmente subjetiva (= Ser). Depois se objetiva, se exterioriza. É a Essência. Depois o subjetivo e o objetivo (Ser e Essência) encontram sua síntese na Noção [Conceito]” (NÓBREGA, 2007, p. 57). A última categoria é o Conceito, no qual, temos toda a síntese da Ideia, não mais como um objeto em desenvolvimento através de graus; mas como ideia objetiva para si mesma.

Entre todos os momentos dialéticos tratados por Hegel em seu sistema, o que mais tem relevância neste trabalho é o que se segue. Uma vez que somente como Ideia Absoluta, é que esta se exterioriza, formando o mundo exterior. A exteriorização da Ideia Absoluta é o que neste trabalho será tratado como “encarnação” para a doutrina hegeliana.

A este ponto, o Universo inteiro de coisas, plantas, animais, homens, não é algo oferecido ao conhecimento de uma mente, diferente de todas estas coisas. [...] O mundo exterior é a própria mente colocada fora de si, para se identificar consigo própria, pelo conhecimento de si, exteriorizada, formando, nesta unidade, a Ideia Absoluta (NÓBREGA, 2007, p. 57).

Como tratado anteriormente, a Antítese está na Tese, idêntica à Tese e oposta a ela. Dessa forma, percebe-se que a antítese da Ideia surge como Natureza, idêntica e oposta a ela. Segundo Nóbrega (2007, p. 60), “a Natureza é a Ideia exteriorizada, objetivada, na sua alteridade”. Aqui faz-se necessário caracterizar a transição entre Ideia e Natureza, e, para tal, lançamos mão do segundo volume da Enciclopédia das Ciências Filosóficas – Filosofia da Natureza.

Mantendo a metodologia dialética, abordada por Hegel, a Natureza é dividida em três momentos: (1) Mecânica – o ser-para-si ainda não é nenhuma individualidade estática, não cabe ainda determinações e a matéria equivale como mera massa informe; (2) Física – o corpo individual alcança a forma e com isto temos juntamente a revelação da gravidade como domínio do ser-para-si sobre a variedade, a individualidade está ligada em singulares e exclusivas propriedades específicas, e ainda não, de modo total, presente; e (3) Física Orgânica – o orgânico é a totalidade por natureza, uma individualidade por-si-essente, que em si se desenvolve até seu diferente.

Cada degrau é um reino próprio da natureza, e todos parecem subsistir para si; mas o último degrau é a unidade concreta de todos os antecedentes. Aqui segundo Nóbrega (2007), cada coisa não é senão ideia, uma soma dos universais, outrora na ideia absoluta como algo indeterminado. Enquanto natureza, estes se contrapuseram mutuamente em cada síntese até encontrarem a conciliação, se agregando e formando matéria, individualidades e, por fim, a subjetividade.

A ideia tem verdade e efetividade somente enquanto está nela como subjetiva; a vida, enquanto ideia apenas imediata, está por isso fora de si, é não-vida, apenas o cadáver do processo vital, o organismo como totalidade da natureza existente como não-vida, mecânica e física (HEGEL, 1997, p. 351).

Na Física Orgânica, temos a síntese entre a Mecânica e a Física, aqui, ideia chegou à existência, em primeiro lugar à vida. Esta é: organismo geológico como a imagem universal da vida; o organismo vegetal como subjetividade particular, formal; e organismo animal como subjetividade concreta.

O primeiro momento da Física Orgânica é como organismo geológico é a expressão mais geral do conceito de vida. Pois,

ele em primeiro lugar é determinado como imediato [...]; a vida é, como sujeito e processo, uma atividade essencialmente intermediária de si [para] consigo. [...] Esta totalidade imediata pressuposta a ela própria pela totalidade subjetiva é apenas a figura do organismo – o corpo terrestre enquanto sistema universal dos corpos individuais (HEGEL, 1997, p. 357).

A oposição para o organismo geológico vem como o organismo vegetal, na subjetividade, segundo a qual o organismo é como algo singular e desenvolver-se-á em um organismo objetivo. Segundo Hegel (1997) na planta, a primeira vitalidade subjetiva imediata, onde o organismo objetivo e a subjetividade ainda são idênticos, ocorre um desintegrar-se em muitos indivíduos a parte – botão, broto, galho etc. – é também a planta total.

A última síntese da Natureza traz nela todos os seus processos anteriores em suprassunção. O organismo animal, de acordo Hegel (1997) é a vitalidade como natural, dispersada na multiplicidade dos viventes, os quais são, mesmo na multiplicidade, organismos subjetivos, e é somente na ideia que eles são uma vida, um sistema orgânico da mesma vida.

A vida do animal é assim, [...] este ponto mais alto da natureza, o idealismo absoluto, é ter em si juntamente, numa maneira perfeitamente fluida, a determinidade de sua corporeidade – é anexar e incorporar, e tê-lo incorporado – ao subjetivo este imediato (HEGEL, 1997, p. 450).

O organismo animal se dá, primeiramente, pelo processo de corporificação, em seguida, o juízo de vida e o terceiro e mais alto, “o da singularidade e universalidade do indivíduo diante de si como gênero” (HEGEL, 1997, p. 455), ou seja,

no organismo humano [...] existe portanto em geral um tipo universal o qual e a partir do qual – somente – a significação do organismo não-desenvolvido é reconhecível e nele pode ser desenvolvida (HEGEL, 1997, p. 455).

Segundo Barbieri (2010), Hegel descreve ao organismo humano o papel de ‘domínio da natureza’, não numa referência à capacidade de atuar sobre ela, mas a de interpreta-la, racionalizá-la, extrair da natureza a razão absoluta.

Então, por exemplo, quando Hegel afirma [...] que o “homem inculto deixa-se guiar totalmente pelo poder da força e por determinidades naturais”, provavelmente esteja se referindo àquele homem que não faz a reflexão

sobre si e sobre o exterior, deixando de exercer sua função primordial, que é o uso da razão (BARBIERI, 2010, p. 242).

O grande momento está aqui, no Espírito, onde temos a concretização da Lógica e da Natureza. De acordo Oliveira (2016), no Espírito, temos a negação da Natureza enquanto tal, a Ideia se coloca frente a Natureza como Espírito, negando sua alienação faz surgir o movimento de interiorização subjetiva, objetivação moral e, pôr fim, a ideia enquanto Absoluta identidade. Aqui nos apresenta Hegel o momento da racionalidade – “o espírito será o momento da concretização da nossa segunda natureza, que, embora natural, é ao mesmo tempo, por essência, racional” (BARBIERI, 2010, p. 249).

com o Espírito, começa o retorno. Com ele a Ideia será não apenas em si, como antes, mas também para si. Agora, com o Homem – porque é com ele que começa o Espírito – a pura exterioridade começa a ceder lugar à interioridade, o objeto começa a se identificar com o sujeito e o irracional começa a se racionalizar (NÓBREGA, 2007, p. 67).

## 2.2 A NATUREZA SE REALIZA ESPÍRITO ABSOLUTO NAS RELAÇÕES HISTÓRICAS

A Fenomenologia do Espírito, obra exponencial de Hegel, retrata todo o processo de realização do Espírito Absoluto, o Ser puro abstraindo-se em todas as particularidades deixa a alienação da natureza para a consciência absoluta. Mais especificamente, o *ser-aí* se põe a si mesmo, como uma oposição e se realiza nos processos de *suprassunção* históricos.

No contexto da Fenomenologia do Espírito pretendemos demonstrar os processos históricos e dialéticos pelo qual tomamos consciência até a autoconsciência. Nessa obra,

Hegel tenta mostrar que a fundamentação absoluta do saber é resultado de um processo histórico-dialético no plano do fenômeno ao qual tem acesso o olhar do Filósofo pelas oposições sucessivas e dialeticamente articuladas entre a certeza do sujeito e a verdade do objeto (VAZ, 2018, p. 12).

O itinerário da fenomenologia consiste numa mediação progressiva, em que um “eu” estabelece com um “objeto” uma relação determinada, até sua total superação. A primeira etapa desse itinerário é a consciência, no seu sentido estrito, isto é, a consciência que olha e conhece o mundo como algo independente de si. Realiza-se em três momentos sucessivos: a) na certeza sensível, b) na coisa concreta da percepção e c) no intelecto.

A certeza sensível é o momento em que a verdade está nos múltiplos sensíveis – uma cor, odor, sabor ou uma textura, sendo que esses particulares sensíveis se repetem de forma que o particular se transpõe para o geral;

Enquanto estão na coisidade, as propriedades são em si e para si, e indiferentes umas às outras. Portanto, na verdade, é a própria coisa que é branca, e também cúbica, e também tem sabor de sal etc. Ou seja: a coisa é o também, ou o meio universal, no qual as propriedades subsistem, fora uma da outra, sem se tocarem e sem se suprasumirem. Tomada assim, a coisa é "tomada como o verdadeiro" [percebida] (HEGEL, 2018, p. 99).

No momento da percepção a verdade que estava nos particulares passa para a coisa concreta, formada pelo conjunto das propriedades sensíveis; no momento do intelecto tem-se a percepção que os objetos são “fenômenos” formados pelo intelecto de forma que, nesse momento, a verdade está nas leis da consciência, percebendo que o objeto só se resolve no sujeito.

Nesses três momentos se completa o conceito da consciência-de-si:

- a) O puro Eu indiferenciado é seu primeiro objeto imediato.
- b) Mas essa imediatez mesma é absoluta mediação: é somente como o suprasumir do objeto independente; ou seja; ela é desejo. A satisfação do desejo é a reflexão da consciência-de-si sobre si mesma, ou a certeza que veio-a-ser verdade.
- c) Mas a verdade dessa certeza é antes a reflexão redobrada, a duplicação da consciência, objeto que põe em si mesmo seu ser-outro, ou a diferença de-nada, e nisso é independente (HEGEL, 2018, p. 141).

No momento do intelecto o sujeito/Eu se percebe como uma autoconsciência indeterminada. A determinação do “eu” é estabelecida pela relação que o sujeito começa a fazer de si com os objetos e de si, uma autoconsciência, com outra autoconsciência.

A autoconsciência é o produto do processo histórico-dialético, no qual a verdade passa pela certeza sensível, pelos objetos concretos, pelo intelecto do próprio sujeito e é suprasumida na reflexão.

### **3 O VERBO-ENCARNADO NA DOCTRINA CRISTÃ NO PRÓLOGO DO EVANGELHO DE JOÃO**

Como apresentado no início desse trabalho, o pensamento hegeliano trata tanto da Ideia absoluta em seu percurso descendente de alienação, como o ascendente, enquanto esta se realiza como Espírito absoluto. O percurso descendente, para o presente estudo, será tratado como a “encarnação” da Ideia, onde surge como seu



contrário idêntico na Natureza. O termo encarnação é mais comumente atribuído à religião cristã, para a qual, Jesus é Deus encarnado na humanidade. A figura de Jesus encarnado, pela fé cristã, é apresentado em diversos escritos canônicos, como os evangelhos segundo Lucas, Marcos, Mateus como também nas Epístolas paulinas. No entanto, o Evangelho escrito por João será o subsídio para tal estudo, uma vez que este trata Jesus Cristo como ‘A Palavra’ – “... e a Palavra era Deus” (BÍBLIA, 2017, p. 2186).

Em virtude da revelação ter se dado no contexto cultural do povo hebreu, o cristianismo assume sua história como primícias da realização do projeto de salvação, no qual, Deus revelou sua lei aos homens através de Abraão e Moisés, para conduzi-los a realização plena da promessa de uma nação absoluta, soberana e única. Uma vez que,

no devido tempo [Deus] chamou Abraão, para fazer dele pai dum grande povo [...], povo que, depois dos patriarcas, ele instruiu, por meio de Moisés e dos profetas, para que o reconhecessem como único Deus vivo e verdadeiro, pai proveniente e juiz justo, e para que esperassem o Salvador prometido; assim preparou Deus através dos tempos o caminho ao Evangelho (PAULO VI, 1965, n. 3).

No entanto, esse Deus revelado aos hebreus não se deu a conhecer, nem seu nome nem sua face. Nesse sentido percebe-se que mesmo no agir, historicamente através dos seus escolhidos, o Deus tratado na primeira aliança, permanece desconhecido e em outras palavras indeterminado. Segundo o magistério da Igreja Católica, a primeira aliança, revelada através de Abraão, Moisés e os profetas tem como finalidade a revelação de Jesus Cristo, a Palavra definitiva.

A plena realização apontada pela primeira aliança tem seu início com a chegada do “Salvador prometido”. Esse Salvador é tratado no evangelho de João, em especial o prólogo, como a Palavra de Deus-Pai, encarnado na humanidade. O próprio texto de João já faz relação com o mistério anunciado em Jesus com as leis reveladas em Moisés, “Porque a Lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (MAIA, 2009, p. 56).

O texto do prólogo inicia com as seguintes palavras: “No princípio já existia a Palavra e a Palavra se dirigia a Deus e a Palavra era Deus” (BÍBLIA, 2017, p. 2186). Segundo Santos, Xavier e Araujo (2011) a Palavra é essência divina e esta atua como agente da criação, como o originador de todas as coisas. O versículo 2 – “a Palavra estava junto de Deus” (BÍBLIA, 2017, p. 2186), faz referência a este primeiro, que ressalta a

Palavra como identidade comunicante com Deus, presente Nele e com Ele desde o princípio.

O termo “no princípio” escolhido pelo autor do prólogo faz direta referência a criação do mundo segundo a tradição hebraica, a qual está descrita – também para o cristianismo – no livro do Gênesis. “Ao começar com a criação do mundo o autor responsável pela composição final faz subir audaciosamente a história da salvação até o momento primordial, “o princípio” de tudo” (BÍBLIA, 2017, p. 15). Subentende-se aqui, que o prólogo resgata tal texto demonstrando a plena relação da Palavra criadora no Gênesis com a Palavra redentora nos Evangelhos. Os dois primeiros versículos descrevem que “no princípio, criou Deus o céu e a terra. A terra era um caos informe; sobre a face do abismo, a treva. E o alento de Deus revoava sobre a face das águas” (BÍBLIA, 2017, p. 16).

O versículo 3 – “Tudo existiu por meio dela” (BÍBLIA, 2017, p. 2186) – descreve a Palavra como ministro na criação, aquele que serviu como ordenador e subsídio para a criação. Nas palavras “o visível veio a existir das coisas que não aparecem”, do livro dos Hebreus, consideradas juntas com “No princípio criou Deus os céus e a terra”, do Gênesis, indicam que o mundo fora formado do nada, pela Palavra Divina, no sentido que antes do *fiat* criativo Divino não havia qualquer outra espécie de existência. No versículo seguinte, “Nela havia vida, e a vida era a luz dos homens” (BÍBLIA, 2017, p. 2186), vê-se o Filho como existência própria, o qual compartilha da vida de Deus.

No quinto versículo é descrito, “A luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam” (BÍBLIA, 2017, p. 2186), porque o evangelista está falando de criação, e não está descrevendo um universo dualístico, no qual trevas emergem como oposição à luz da Palavra, desta forma ele tem trevas como ausência da luz. Segundo Santos, Xavier e Araujo (2011, p. 11) “Luz (phos), metaforicamente, refere-se à verdade e ao conhecimento de Deus, como trevas (skotia) refere-se à ignorância quanto às coisas divinas”.

Nos versículos 6 ao 8 e 15, o evangelista descreve a figura e missão de João Batista, o qual será abordado no capítulo seguinte ao prólogo. Este é a “testemunha da luz”, que anuncia não só a prioridade temporal do Cristo – “Aquele que vem depois de mim existia antes de mim” (BÍBLIA, 2017, p. 2186), destacando sua preexistência, conforme início do Prólogo, mas também a primazia absoluta da Palavra.

O versículo 9, “a luz verdadeira que ilumina todo homem” (BÍBLIA, 2017, p. 2186), dá uma outra atribuição a Palavra. Esta é tida como *logos* (razão), a Luz primária que ilumina a todo homem. Assim, Cristo é a única e verdadeira razão que Deus deu ao mundo, e, portanto, a razão para todo homem, capaz de conduzir a realização da criação.

O décimo versículo do prólogo traz o relato que “[A Palavra] estava no mundo, o mundo existiu por ela, e o mundo não a reconheceu” (BÍBLIA, 2017, p. 2187). “O verbo *ginosko* (conheceu) significa adquirir conhecimento, perceber, sentir” (SANTOS, XAVIER E ARAUJO, 2011). Essa palavra, com referência ao hebraico, indica um relacionamento íntimo, ou seja, o mundo não vivenciou a intimidade de conhecer profundamente a Palavra e se deixar ser conhecido profundamente por ela.

No versículo 11 – “Veio aos seus e os seus não a acolheram” (BÍBLIA, 2017, p. 2187) – destaca a rejeição da Palavra pelo mundo, de modo especial, se refere aqueles considerados como lar e família de Deus, o povo da primeira aliança. Descreve-se nos versículos 12 e 13 a relação para aqueles que recebem/reconhecem a Palavra, o Cristo. Estes obtêm o direito de se tornarem “filhos de Deus” (BÍBLIA, 2017, p. 2187), outra metáfora para descrever ‘filhos de Deus’, é que não são filhos nascidos pela descendência natural – “que não nasceram do sangue” (BÍBLIA, 2017, p. 2187) –, pois nenhum homem é responsável por semelhante nascimento, mas nasceram de Deus.

No versículo 14 – “A Palavra se fez homem e acampou entre nós” (BÍBLIA, 2017, p. 2187) – é a descrição definitiva onde podemos dizer que a Palavra se encarna. Segundo Maia (2009), a tradução literal do verbo *eskhnwsen* significa que a Palavra armou sua tenda entre nós. E “vimos a sua glória”, geralmente traduz o hebraico *kabhôd*, é uma palavra usada para denotar a manifestação visível da auto-revelação de Deus em sua teofania.

Concluindo o prólogo, nos três últimos versículos, ressalta-se a importância da graça voltando principalmente para a ideia de substituição – “Pois a lei foi promulgada por meio de Moisés, a lealdade e a fidelidade se realizaram por Jesus Cristo” (BÍBLIA, 2017, p. 2187) – de forma que, a antiga aliança é substituída pela nova aliança. Portanto, tudo o que foi começado pela Lei estaria, agora, sendo consumado e realizado em Jesus. Retomando a revelação do Pai pelo Filho – “o Filho único, Deus, que estava ao lado do Pai, o explicou” (BÍBLIA, 2017, p. 2187) – o qual quebra a barreira que tornava impossível para os humanos conhecerem a Deus. Assim nos

descreve Maia (2009, p.102): “A visão de Deus é permitida a todo aquele que crer: ‘Quem me viu, viu o Pai. Não crês que eu estou no Pai e o Pai está em mim?’ (Jo 14,9-10)”.

#### **4 PONTOS DE INTERSEÇÃO DO ESPÍRITO HEGELIANO COM O VERBO-ENCARNADO CRISTÃO**

Tendo descrito aquilo que chamamos de “encarnação” na filosofia hegeliana e “A Palavra” encarnada no contexto da doutrina cristã, faz-se necessário analisar ambos os pensamentos e expor seus pontos de convergência. Pois, como foi dito anteriormente, percebemos que existe uma certa semelhança entre elas, o que para nós é de suma importância determina-las. Observa-se que aquilo que vimos até aqui há,

de encontrar agora a sua mais perfeita expressão em um ser que une perfeitamente o finito e o infinito, Deus e o Homem. A religião cristã é que nos apresenta essa novidade em seu personagem central, que tem já em sua própria vida (nascimento, morte e ressurreição) uma expressão do dogma hegeliano da verdade dialética (FIENI, 2010, p.87).

Em primeira instância, devemos relacioná-las no seu conceito geral. O sistema de Hegel tem como conteúdo a ideia, esta, através dos momentos dialéticos constitui a realidade natural, afim de que a própria ideia se identifique como Espírito Absoluto. Na doutrina cristã o conteúdo da encarnação é Deus-Pai, que através do Filho (Palavra) cria e ordena todas as coisas, afim de “que todos sejam um” (BÍBLIA, 2017, p. 2236).

Ficam-se, então, evidentes os seguintes pontos: a) o conteúdo da encarnação, aquilo que se aliena, para a doutrina hegeliana é a Ideia, na doutrina cristã é a Divindade; b) o meio, o modo como se dá a encarnação, para Hegel é através da Dialética, no cristianismo é o próprio Cristo, a “Palavra”; e c) a finalidade da encarnação no sistema hegeliano é a Auto identificação e na fé cristã é a plena Unidade.

Nos dois sistemas o princípio está ligado a um conceito absoluto e indeterminado. No judaísmo, *Yahveh* – o nome de Deus – é inominável e na sua presença dever-se-ia cobrir o rosto para não morrer. Assim sendo, mesmo onipotente, detentor de todas as qualidades, este não deveria possuir determinação alguma. Poder-se-ia até dizer as qualidades de Deus, como misericórdia, sabedoria ou poder, mas jamais aquilo que ele é. Hegel nos apresenta a Ideia Absoluta, como síntese de toda a ideia abstrata, e

início da “encarnação”, ela tem em-si todos os conceitos para a existência, como qualidade, quantidade, medida e essência, no entanto, estes conceitos não passam de universais que necessitam objetivar-se.

Na doutrina da encarnação, apresentada nos primeiros versículos do Prólogo de João, descreve que a existência é atribuída a Palavra, essa como essência divina é o impulso criador e ordenador. A Palavra versa sobre o nada – aqui vale ressaltar que não é o antagônico de Ser mas a ausência deste – e dele faz surgir toda forma de existência. O versar do Conceito Absoluto é sobre si mesmo, emerge frente a ideia absoluta o espaço – um completo contrário. É importante salientar que, para o conceito cristão, na criação a Palavra ainda é desforme, ela é o agente, o impulso criativo divino. Quanto à forma, a mesma estará ligada diretamente ao evento encarnação, na qual “se fazendo homem e acampando entre nós” o indeterminável tomará um nome e um rosto.

A forma criativa, descrita nos textos bíblicos, especificamente no livro do Gênesis, demonstra Deus que age através de sua palavra: Faça-se. De acordo com sua ordem cada coisa toma sua existência e ocupa sua função por Ele determinada, um exemplo são o Sol e a Lua: “Existam luzeiros na abóbada do céu para separar o dia da noite, [...] e sirvam de luzeiros na abóbada do céu para iluminar a terra” (BÍBLIA, 2017, p. 16). Na Ciência da Natureza, conjunto dialético da objetivação da ideia, Hegel faz-nos perceber que as coisas tem sua existência devido a composição dos conceitos universais. Como lugar é a síntese/composição entre o espaço e o tempo, assim se procederá em toda a natureza até o organismo animal como síntese entre o conceito de vida geral (geológica) e a vida enquanto subjetividade particular (vegetal).

O último conceito a objetivar-se na Natureza é a vida. Conceito este que implica o novo mais importante na realização do espírito, a subjetividade. O prólogo apresenta esse conceito enquanto essência divina, da qual, participam mutuamente o Pai e o Filho. O Filho partilha essa essência com a humanidade. Vale ressaltar que, na Natureza temos três contexto para o conceito de vida, primeiro como vida geral ao falar dos processos geológicos terrestres, a vida como vegetal e pôr fim a vida como uma subjetividade concreta. Concreta, porque, é a perfeita mediação entre a corporeidade (presença no mundo) e a subjetividade da alma. Na doutrina cristã, Jesus é o conceito pleno de vida, uma vez que este é o mediador perfeito entre os indivíduos entre si e os indivíduos finitos com o Ser infinito.

Em dois versículos do prólogo, o quinto e o décimo, vemos a utilização de termos que remetem ao conhecer ou o desconhecer da Palavra divina, que estava no mundo enquanto seu impulso criativo. Mesmo formada e ordenada pela Palavra divina a criação necessitava de uma subjetividade capaz de retirar a razão das próprias coisas. Como por exemplo dar nomes aos animais. Pois,

no ato de diferenciar-se de si mesmo Deus cria a natureza, mas esta [...] não entra em uma relação com o seu criador e se encerra em sua coisidade bruta, seca e muda. Falta a ela o maior dom que a criatura pode receber; o pensamento. Por isso, Hegel escrever que 'Deus é Espírito, mas a natureza nada sabe de Espírito', pois ela é desprovida de inteligência (FIENI, 2010, p.96).

A última criação descrita é o próprio homem, tanto no texto bíblico como na ciência da natureza, este dotado de uma subjetividade capaz de retirar a razão alienada na natureza, trazer para si e por fim "liberta-la" como Espírito Absoluto. Como organismo animal mais completo o homem tem a plena objetividade da ideia e como racional a possibilidade de trazer a consciência-de-si para a ideia alienada. Assim entendemos a importância do homem racional tanto na doutrina cristã quanto na filosofia hegeliana, pois,

Deus não podia se manter apenas como esse interior e deveria se tornar efetivo. A sua realidade precisava ser garantida na medida em que ele fosse pensado por um outro (o Homem). Enquanto ele fosse uma eterna essência simples ele seria espírito apenas segundo uma palavra vazia. Mas esta essência simples implicava, em seu conceito mais íntimo, a existência do seu outro (o negativo em si mesmo, a negatividade do puro pensar) para a sua realização (FIENI, 2010, p.95).

Ao trabalhar o seu sistema nas Ciências Filosóficas, Hegel não tem um discurso teológico, onde procura descrever e justificar a existência de Deus, ou de uma divindade absoluta. Nessa obra ele intenta explicitar a formação do mundo lógico pelo qual o ser se realiza e como este mundo lógico faz surgir a diversidade de coisas no mundo natural. A doutrina cristã apresenta o conceito de criação, pelo qual do nada Deus fez surgir as coisas, através de sua Palavra.

Quando se trata de Hegel uma coisa não pode ficar despercebida, que é a forma como todas as coisas fazem parte de um contexto político e moral. Quando falamos do Cristo este deve ser lido dentro do seu mundo judaico, podendo assim identificar o grau de evolução do espírito até então e como a pessoa de Jesus Cristo o influencia. Hegel determina como ponto fundamental para a consciência-de-si a relação, por isso a importância do contexto social, ao relacionar-se com objetos e com outra consciência, como alteridade, o indivíduo toma a consciência-de-si.

Embora de forma não direta, temos a delimitação já no prólogo da missão de Jesus Cristo, como enviado do Pai, ele deve reunir a criação que outrora foi dispersada e em sua “queda” perderam a capacidade de identificar e se relacionar intimamente com o divino. Anteriormente foi dito que Hegel associa ao organismo humano o papel único de “dominar” a natureza, não numa referência à capacidade de atuar sobre ela, de transformá-la, mas refere-se a capacidade de interpretar, racionalizar a natureza, reunindo-a numa razão absoluta.

Ao final do prólogo temos um destaque muito importante, no qual o autor faz uma relação entre a aliança com o povo através de Moisés e a nova aliança em Jesus Cristo. Podemos ainda dizer que ele não vai descrever nova aliança, como que abolindo a antiga, mas sim como renovada e elevada a sua plenitude. Pois, como traz o próprio texto bíblico, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. O jovem Hegel abordara o tema nas obras de sua juventude, onde ele vê no judaísmo uma forma de alienação, fundada nas autoridades externas e num legalismo cego, “Jesus apresenta ao povo judeu a ideia de que a divindade está presente no coração do homem: e este pode encontrar as leis eternas em seu interior...” (SILVA, 2007, p. 35).

Zabatiero (2012) nos apresenta que a religião é um rebento do espírito divino, não uma invenção de seres humanos, mas um efeito do divino em ação, do processo divino produtivo dentro da humanidade. Assim percebemos que Hegel trata a religião e da política como “um relacionamento entre o Estado e a comunidade religiosa”. Assim ele nos faz entender que o Estado tem como dever a promoção da comunidade religiosa afim de que tenham toda assistência necessária, da mesma forma a religião tem por função sustentar o Estado. Os indivíduos políticos, éticos e religiosos realizam o absoluto e projetam fora da Natureza o Espírito nas instituições, isto é, o Estado, a Cultura e a Religião.

Temos aqui uma crítica histórica provocada por Jesus, ele se percebe como a divindade objetiva, isto é, “filho de Deus” tem por missão ser “a luz verdadeira” que ilumina os homens e os faz tomar a mesma consciência. O caminho proposto por Jesus para alcançar a unidade com Deus-Pai é lei da fé e do amor.

O verbo-encarnado permanece na história, no evento da encarnação do Cristo temos o suprassunção do Verbo-encarnado, este deixa de falar pelos profetas, deixa a alienação da natureza para no contexto da sociedade judaica, revela-se como a face de Deus na humanidade. O verbo-encarnado dá ao Ser consciência e consciência-

de-si, como Filho do Homem, é capaz de retirar da criação, o ser-aí alienado, o ser absoluto, unificando os particulares e formando um único espírito absoluto.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento de Hegel foi demonstrado em seu movimento ascendente e descendente. Quando a ideia se limita, descendente, e quando os limites da ideia se ultrapassam no Absoluto, ascendente. Enquanto limita-se, faz perceber, que a ideia se diversifica em conceitos, para depois aglomerar-se em corpos objetivados, como contrários pacificados. A objetivação da ideia, o sentido de encarnação trata nesse estudo, tem como ponto máximo na Natureza, como Física Orgânica no qual o conceito de vida se torna objetivado, como subjetividade concreta.

Nos três momentos da Física Orgânica tem-se a expressão de vida no sistema hegeliano. Primeiramente, geológico voltando para os próprios processos terrestres uma vida enquanto sistema universal dos corpos individuais, mas sem subjetividade. Vale ainda é reforçar neste estudo a importância da consciência humana sobre sistema terrestre como vida, uma vida que sistematiza todas as outras em seu interior, em virtude, das inúmeras discussões atuais sobre a recuperação do ambiente global.

Segundo é o organismo vegetal, surgindo como um organismo de subjetividade inicial e imediata. Como síntese, é no terceiro momento, o organismo animal que a subjetividade se concretiza como mediação da corporeidade, não uma simples presença no mundo. A mediação tem como princípio a subjetividade individual que tateando o mundo objetivado toma consciência, esta, só alcançará a consciência-de-si pelas relações, abertura para o Espírito.

O cristianismo influenciou o jovem Hegel desde sua formação inicial. E a criação do mundo segundo os conceitos cristãos se acham traços marcantes em sua filosofia. O prólogo presente no Evangelho de João faz uma perfeita conexão entre a criação do mundo e Jesus Cristo, principalmente quando levado em conta que inicia com o mesmo termo usado no livro do Gênesis. A pessoa de Jesus Cristo, filho de Deus, estava com Deus-Pai desde o princípio e, segundo o texto, o Filho é a palavra divina que versando sobre o nada fez surgir toda a criação, inclusive o homem.

O homem, de modo especial, foi feito a imagem e semelhança de Deus e dotado de razão, este *logos* divino, unicamente partilhado com a humanidade por Ele, a Palavra.



Essa Palavra mesmo sendo o agente criativo/ordenador do mundo e dos homens, ficou por eles desconhecido. Quando a Palavra “armou sua tenda” (BÍBLIA, 2017, p. 2187) em meio aos homens, isto é, se fez carne, leva a cabo a missão de iluminar a mente humana, afim de, que reconhecendo o Pai nele, toda a criação fosse reunida novamente.

A doutrina hegeliana converge em vários pontos com a doutrina cristã. Primeiramente, ficou evidenciado a própria ação criadora da Palavra, Deus e a Ideia absoluta tinham em si mesmos todos os conceitos para as coisas, mas somente no movimento da “Palavra” sobre o nada e da Ideia sobre si mesma é que os conceitos atingem o grau de existências objetivadas. Um outro ponto de interseção é o Homem, enquanto produto do agir criativo, em ambos o homem surge como suprassunção de toda a natureza, feito dotado de uma subjetividade concreta capaz de extrair da natureza a sua razão latente. Jesus Cristo, a Palavra divina, tem em sua encarnação o sentido de unificar toda a criação em um único Espírito, aqui encontramos um distanciamento, pois em Hegel não é unir, mas revelar um Espírito Absoluto que já está presente, alienado nos particulares.

Deste trabalho puderam ser delineados os seguintes conceitos: o movimento dialético como ação criativa da Ideia; a razão humana como suprassunção da natureza; e a finalidade da subjetividade humana como extratora da razão latente. Uma proposta de pesquisa futura seria o próprio valor da subjetividade humana, esta como mediação da realidade finita ao infinito, não deixando de levar em conta a evidente carga cristã de Hegel, contrapor os caminhos de “Salvação” apresentado por Jesus Cristo nos evangelhos e como eles podem iluminar ou não o próprio conceito de mediação hegeliano.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução da Paulus Editora. 3ª ed. rev. e amp. São Paulo: PAULUS, 2017.

BARBIERI, G. A. A passagem da natureza ao espírito enquanto segunda natureza. In: UTZ, K.; SOARES, M. C (Org.). **A noiva do espírito: natureza em Hegel**. Dados eletrônicos. EDIPUCRS, Porto Alegre. 2010. p. 241-253. Disponível em: <<http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/naturezaemhegel.pdf>>. Acesso em 11 out. 2019.

CASSIRER, E. Capítulo VII - Mito e Religião. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio Sobre o Homem: Uma introdução a uma filosofia da cultura humana.** São Paulo, Martins Fontes, 1994. p. 121-179.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. - Atlas, São Paulo, 2008. p. 27.

HEGEL, G. W. F. **Ciência da lógica: 1.A doutrina do ser.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio; texto completo, com os adendos orais, traduzidos por Paulo Meneses, com a colaboração de José Machado. In: \_\_\_\_\_. **A ciência da lógica.** São Paulo, SP: Loyola, 1995.

\_\_\_\_\_. Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio; texto completo, com os adendos orais, traduzidos por Paulo Meneses, com a colaboração de José Machado. In: \_\_\_\_\_. **A ciência da natureza.** São Paulo, SP: Loyola, 1997.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia do Espírito.** 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

IBER, C. Apresentação. In: HEGEL, G. W. F. **Ciência da lógica: 1.A doutrina do ser.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 7-18.

JUNGES, M.; GALLAS, L. Construir uma Filosofia do tempo presente. **Revista do Instituto Humanistas Unisinos.** São Leopoldo, RJ. n. 430, p. 23-26, 2013.

Disponível em:

<<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao430.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

MAIA, T. M. C. **Ex 33,18-23 e Jo 1,14-18: Um Estudo Intertextual na Perspectiva de um Diálogo Semântico – Teológico.** 2009. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

NICOLAU, M. F. A. A ciência da lógica no sistema hegeliano. **KÍNESIS.** [S.l.], v. 2, n. 3, p. 144 - 156, abr. 2010. Disponível em:

<[https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/11\\_MarcosFabioAlexandreNicolau.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/11_MarcosFabioAlexandreNicolau.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. A Dialética do Começo na Ciência da Lógica de Hegel: o Ser-aí (Dasein) como Resultado da Dialética Ser-nada-devir. **Argumentos – Revista de Filosofia da UFC.** Fortaleza, CE, n. 4, p. 69 – 74, 2010.

NÓBREGA, F. P. **Compreender Hegel.** 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

OLIVEIRA, A. E. F. A Ideia na Enciclopédia das Ciências Filosóficas – G.W.F. Hegel.

**Revistas de trabalhos acadêmicos,** Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em:

<<http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=3universobelohorizonte3&page=article&op=view&path%5B%5D=3215>>. Acesso em: 22 out. 2019.

PAULO VI, papa. Constituição dogmática “Dei Verbum”: sobre a revelação divina. Roma. 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html)>. Acesso em: 28 mai. 2019.

SANTOS, T. A. T. B. **A Noção de Sistema na Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio de Hegel**. 2006. Dissertação (Mestrado, Filosofia Contemporânea) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/7800/1/2006-DIS-TATBSANTOS.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

SANTOS, W.; XAVIER, L. F.; ARAUJO, T. C. Análise exegética do prólogo do Evangelho de João. **Davar Polissêmica**. Belo Horizonte, MG, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.redebatista.edu.br/index.php/DP/article/view/78/61>>. Acesso em: 09 set. 2019.

SILVA, F. J. **Cristianismo e Positividade no pensamento do jovem Hegel**. 2007. 128 folhas. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26178/1/2007\\_dis\\_fjsilva.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26178/1/2007_dis_fjsilva.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2019.

VAZ, H. C. L. A significação da Fenomenologia do espírito. In: HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 11-22.

ZABATIERO, J. P. T. As relações entre Estado e Religião em Hegel. **Sofia**, Vitória, v. 1, n. 1, p. 81-97, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/sofia/article/view/4206/3320>>. Acesso em: 29 out. 2019.